

## TRANSCRIÇÃO | JANEIRO - SEMANA 1

# O que podemos aprender com as crianças

Nesta aula, a gente vai conversar um pouquinho sobre o que a gente pode aprender com as crianças.

A gente já teve aula aqui na comunidade sobre o mito do bom selvagem. Muitas pessoas acham que as crianças não têm maldade, que as crianças são inocentes, que as crianças são como anjos, no sentido de que, nelas, tudo é inocência e pureza, e que a maldade das crianças vem da sociedade que as corrompe, e que da criança, na verdade, só sairiam coisas boas e, como consequência disso, a gente tem que permitir que a criança vá crescendo sozinha, e que nós devemos só ali respeitar a sua dignidade.

Por outro lado, certamente vocês já me escutaram falar muitas vezes que isso não é verdade, que **as crianças têm, sim, más inclinações**. E essas más inclinações não são apenas morais, mas também em relação aos seus sentidos. Por exemplo, muitas vezes elas sentem sono e não querem dormir, sentem fome e não querem comer, ou querem comer apenas coisas gostosas. Elas se irritam com as coisas, com as pessoas, querem que as coisas sejam feitas do jeito delas. Nós já vimos isso na nossa aula sobre a infância e os sete pecados capitais.

**Mas, de fato, as crianças têm algo nelas que difere dos adultos. E nós, adultos, ao amadurecermos, temos que tentar não perder o que tem de maravilhoso nessa infância.** Não é que a gente precisa ser como as crianças, o Peter Pan, e não querer crescer. Isso também não é verdade. A gente precisa amadurecer porque, à medida que a gente vai passando, novas instalações na realidade vão acontecendo na nossa vida, e eu não posso agir como uma criança em vez de ser uma criança. Em vários sentidos, precisamos amadurecer, mas precisamos ser como as crianças em outros aspectos.

É sobre isso que eu gostaria de falar com vocês, para que vocês pudessem olhar para os seus filhos e contemplar essas realidades, que são realidades em que nós somos convidados a imitar as crianças. Mas também há muitas coisas nas crianças que, de fato, a gente precisa orientar para que elas possam melhorar.

Vocês já devem ter ouvido dizer: *“Se não voltardes a ser como as criancinhas, não podereis entrar no reino dos céus.”* O que é ser como as crianças? O que nós devemos imitar das crianças? Que bondade é essa? Que inocência é essa que existe nas crianças e que a gente precisa imitar?

Nas nossas aulas sobre o Natal, a gente falou muito sobre a realidade de que Deus se fez menino. Então, a gente vai tentar olhar para essa realidade para entender essa frase que Ele mesmo disse. Em que a gente precisa imitar as crianças? Para que a gente seja como as crianças, como elas são meio que naturalmente, quando elas são pequenininhas, é necessário um esforço enorme da nossa parte, e existe um grande capítulo sobre isso na religião católica falando sobre a infância espiritual.

**Vários santos pensaram sobre essas realidades e tentaram ser como crianças nas mãos de Deus.** E dentro de um panorama religioso, digamos assim, o que acontece com as crianças? As crianças, quando nascem, carregam uma coisa chamada pecado original. Ou seja, o pecado de Adão e Eva, que aconteceu lá atrás, ele se perpetuou na espécie humana, em todas

as pessoas, exceto em Nossa Senhora e Jesus. E nós ficamos com as inclinações do pecado original. E o pecado original nos afastou de Deus. E foi pela presença de Cristo e a morte d'Ele na cruz que a gente pôde ter o nosso pecado original apagado. Para nós, cristãos católicos, o nosso pecado original é apagado quando a gente é batizado, e então a mancha do pecado é apagada na nossa alma, e ela passa a ser cristalina novamente.

Ou seja, a gente passa a poder receber a infusão do Espírito Santo e a graça de Deus de uma forma potencializada, por assim dizer, porque não há pecado. E as crianças, principalmente até os 6 anos, não têm pecado pessoal. Então, o Espírito Santo pode agir de forma muito cristalina e potente nas almas infantis, porque eles não precisam purificá-la de nada. Não precisam ter esse primeiro estágio de purificação. Então, **as crianças batizadas são santas**, nesse sentido. No entanto, as más inclinações ainda existem.

Então, a gente percebe essas más inclinações na alma da criança, mas uma criança batizada funciona como se fosse um sacrário, onde a graça de Deus, de fato, atua de forma muito maravilhosa. A gente viu nas aulas anteriores que **a graça de Deus é necessária, mas, para ela agir, ela precisa de um substrato que é a natureza humana**, a ação do homem, do homem com H maiúsculo, no mundo. E nós, pais, vamos ajudar essa graça a agir nesse coração através da educação que a gente dá aos nossos filhos para que eles possam ter, de fato, a graça de Deus potencializada na vida deles.

Eu disse isso porque, de fato, as crianças batizadas são mais facilmente levadas para o lado da bondade, para uma vontade de bem maior do que as outras. Porque todas as vezes que a gente está na graça de Deus, as coisas são realmente muito mais fáceis.

Para que a gente aja como crianças, como Jesus nos convidou a ser, é necessário muito esforço da nossa parte. Então, as crianças, o que elas fazem com muita maestria? Elas esquecem depressa das coisas ruins que aconteceram, dos desgostos, das coisas complicadas da vida. Elas esquecem com muita facilidade. Eu vi isso acontecer na minha vida agora. A gente perdeu o meu sogro, depois perdeu o meu cunhado, e os pequenos, com muita facilidade sentem, mas esquecem logo aquele desgosto. **A forma como eles recordam uma situação ruim, uma lembrança é muito diferente de como nós, adultos, fazemos.** Isso não significa que eles não sentem. Mas eles vivem mais o que está acontecendo hoje do que do passado e das preocupações do futuro. E é exatamente isso o que a gente deveria fazer.

Eu não sei se vocês já leram um livro chamado *Cartas de um diabo a seu aprendiz*, em que Lewis, o mesmo autor do *Crônicas de Nárnia*, fala como que o demônio faz com que uma alma se perca, que ela não passe para o lado do “inimigo” — e, no caso, o inimigo do demônio é Deus. E uma das coisas que ele fala é que, para que ele mantenha uma pessoa longe do “inimigo”, ou seja, a favor do demônio, é necessário que essa pessoa pare de pensar no hoje, que ela pense apenas no passado e no futuro. Ou seja, que ela viva das coisas que aconteceram e fique presa nisso. Ou viva com as suas preocupações em algo que ela não sabe nem se vai chegar.

Isso é justamente o contrário do que acontece com as crianças. **As crianças param de pensar no passado e não ficam prospectando o futuro. Elas pensam no hoje.** O que importa para ela é hoje. E aí, a graça de Deus age com muito mais facilidade. Porque elas têm muita confiança de que alguém está atrás dela, como que sustentando ela e fazendo com que as coisas funcionem bem. E o que ficou para trás, ela esquece com muita facilidade e rapidamente aquilo se ajusta. Então, quando a gente olha, por exemplo, uma criança que está no sinal, jogando

bolinha para cima, o sorriso que você vê dessas crianças é realmente genuíno. Ela está alegre. E certamente ela vive uma situação dentro da casa dela muito complexa. Mas ela consegue se alegrar com essas situações. Porque ela vive o hoje, e não está preocupada com o ontem nem com o amanhã.

Por isso, as crianças têm muita facilidade de perdoar e de se reconciliar. Na briga entre irmãos ou amigos, por exemplo, eles se desentendem e logo já estão brincando. Ou se eles fizeram alguma coisa errada, em dois minutos a criança já não está mais pensando naquilo, não consegue realmente identificar o que fez. E é possível que ela encontre a mãe e fale sobre outro assunto que não tem nada a ver com o que ela acabou de fazer. É como se ela não percebesse muito a gravidade de determinadas coisas e apenas fosse vivendo as coisas. Então, ***cada dia para a criança é um novo dia. E a gente deveria agir assim.***

A gente não sabe quando será o nosso dia de amanhã. A gente realmente não sabe. E o que importa para a gente é o dia de hoje. ***Quando a gente termina o dia e faz um exame de consciência das coisas que a gente fez bem, das coisas que fez mal e do que precisa melhorar, a gente pede perdão e agradece pelas coisas boas que a gente fez. Isso é para a gente passar para frente.*** É para a gente fazer uma contrição? Sim. É para a gente se alegrar? Sim. E amanhã é um novo dia. É um novo dia em que eu tenho uma nova página, em que eu posso escrever a minha história. E eu não dependo do que eu fiz no dia anterior.

É necessário eu me esforçar, mas as crianças têm essa capacidade. Por isso é tão maravilhosa a educação dos nossos filhos. Porque a gente consegue todos os dias escrever com eles uma nova história. ***Se eles fizeram algo errado, não é para que a gente fique preso naquilo. As crianças, nesse sentido, são dinâmicas. Bola para frente! Assim deve ser a nossa vida. Porque a nossa vida é um constante cair e levantar. E as crianças fazem isso com muita facilidade.*** Porque elas caem e levantam o tempo todo.

As crianças são capazes de se encantar com a vida e com as pessoas. Quando a gente conta uma história para uma criança, a gente vê os olhos delas brilharem. ***Elas têm uma capacidade de encantamento com o mundo, de perceber as maravilhas que o mundo as pode dar em coisas muito pequenas,*** como andar de bicicleta, olhar uma borboleta, ver o sorriso da mãe e do pai, uma brincadeira que ela fica repetindo de novo, e de novo, e de novo. Mesmo quando elas estão doentes, elas querem brincar. Porque elas não ficam acrescentando dificuldades onde não tem. Então, se eles estão com a febre de 39º, mesmo se sentindo mal, elas vão brincar e não se abatem por pouco. A gente precisa aprender isso deles. ***Às vezes, a gente se faz de vítima nessa situação. “Mas a minha situação é tão difícil.” E aí a gente acrescenta problemas onde realmente não há.***

As crianças têm uma capacidade de não alardear as suas virtudes. Muitas vezes, eles fazem coisas muito boas, e são simples e sem exibição, não ficam mostrando. ***A nossa grande capacidade de percepção materna precisa perceber quando elas fazem coisas boas. Reafirmar que aquilo foi bom.*** A gente já ouviu muitas vezes: “Não fez mais que a sua obrigação.” Isso é muito errado. A gente precisa reafirmar positivamente as coisas boas que eles fizeram. Muitas vezes, os pais têm a tendência a reafirmar as coisas negativas e rotular as coisas negativas. E a nossa vida também precisa ser assim: a gente precisa fazer as coisas boas sem alarde, sem exibição, sem ficar falando para os outros as coisas que a gente está fazendo ter essa capacidade de passar despercebido. Isso vai corroendo um pouco o nosso egoísmo. Nosso egoísmo começa a gritar, porque a gente tem essa tendência justamente contrária à dos nossos

filhos. Muitas vezes, eles fazem um bom desenho e nem chegam para nos perguntar se estava bom ou não.

***As crianças têm uma humildade de aprender e receber correções. E nós, adultos, temos muita dificuldade.*** Já as crianças têm quase que uma maleabilidade na alma. Porque a gente as corrige muitas vezes, e muitas vezes a gente precisa dizer: “*Não! Isso não! Não pode fazer assim. Não pode bater na mamãe. Não bate no seu irmão. Não coma desse jeito. Ajusta a postura.*” A gente corrige os nossos filhos muitas e muitas vezes, e eles não se irritam. Eles vão se irritar depois que eles estiverem um pouquinho mais velhos. Mas quando eles são pequeninhos, eles não se irritam. Eles têm uma maior facilidade nesse sentido, e a gente precisa aprender isso deles, a ser corrigido e não ficar carrancudo, a ser corrigido e ser dócil. “*Talvez essa pessoa esteja certa.*” Agradecer a correção. Talvez essa pessoa realmente esteja preocupada com você.

As crianças têm essa confiança de deixar-se instruir. Nós, adultos em geral, não. Quando alguém chega pra você e fala: “Ah, para você ser uma melhor mãe, você precisa aprender as coisas.” Mas por quê? Por que eu preciso aprender? Quem é fulano para me ensinar determinada coisa? Quem é a Igreja para dizer determinada coisa sobre alguém? ***A gente tem uma resistência em aprender coisas e em ver que a forma como a gente está fazendo não é a melhor.*** Então, a gente tem muita dificuldade em deixar-nos instruir, o que é diferente das crianças, que querem aprender. Esses dias, eu postei no meu Instagram as crianças lá, vendo o rapaz que foi consertar as bicicletas deles, que estavam todas ruins, e eles estavam conversando, e me deparo com a cena dele consertando a bicicleta e os meus seis filhos sentados diante dele, vendo ele construir a bicicleta e consertar a bicicleta e perguntando coisas. As crianças não têm vergonha de perguntar algo que não sabem, de aprender um ofício novo. A gente é muito mais resistente, a gente tende a achar que sabe tudo. É isso que eu dizia, é um esforço da nossa parte em deixar-nos instruir e ouvir o que as pessoas têm a dizer.

Outra coisa que acontece com as crianças é que a falta de experiência delas com a maldade do mundo as deixa muito confiantes, otimistas e positivas. Os contos de fada, por exemplo, encantam as crianças, elas se deixam acreditar num bom velhinho, na bondade sem limites, de alguém que vai passar pelo mundo dando presentes para todo mundo. Isso que eu dizia na aula sobre o Papai Noel. ***Elas querem acreditar que há uma bondade infinita e que todas as pessoas vão poder usufruir de todas as coisas que elas também têm. Nós, adultos, tendemos a olhar para os outros com uma certa desconfiança, achando que este mundo é mau demais.***

Eu conheço uma pessoa que fala que o mundo é mau. E aí a gente precisa lembrar que o mundo não é mau, o mundo foi feito bom e a maldade das pessoas que o faz mau. Então, a ausência de malícia — que, muitas vezes, faz com que os nossos filhos estejam em situações de risco e a gente precise cuidar deles —, de alguma maneira é boa, porque eles acreditam num mundo melhor. Até os adolescentes são assim. Eles têm uma capacidade grande de perceber a dignidade que há em todas as pessoas, não fazem diferença entre o preto, o branco, uma pessoa que é rica, uma pessoa que é pobre, uma pessoa que mora numa casa grande e uma que mora numa casa pequena. Quantas e quantas pessoas não têm essa experiência de voltar à casa em que viveram a sua infância e falar, “*Nossa, ela parecia tão maior, ela parecia tão mais aconchegante, ela parecia tão mais rica*”, porque ***as crianças têm essa capacidade de ver bondade, de ver magia, de ver com otimismo o mundo, e é necessário a gente ver assim,***

é necessário de que a gente perceba que, embora haja a maldade do mundo, e é claro, a gente tem que ter a esperteza com essas situações, não é que a gente vai ser totalmente inocente, achar que o mundo é um mundo de poliana não é isso, mas é não rotular o mundo e as pessoas na maldade e sempre esperar o pior das pessoas. Isso cristaliza e corrói o nosso coração. A gente precisa aprender como as crianças fazem nesse sentido.

As crianças não precisam ver para crer. Mesmo que você fale para elas: “*Olha, Papai Noel não existe*”, elas querem acreditar. O que está oculto aos nossos olhos, para elas é tão real quanto o que elas veem. Já os adultos, principalmente na nossa sociedade materialista, achamos que é preciso ver para crer e que, se a gente não está vendo que essa coisa não existe, então a gente tem mais dificuldade com o transcendente, a gente acha que o transcendente precisa ser aprovado, a gente tem dificuldade nisso, em ver algo além do que os nossos olhos estão mostrando. As pessoas falam: “*Parece que as crianças têm um sentido diferente.*” Elas têm uma maior sensibilidade para o transcendente.

Vou contar uma coisa pra vocês. Uma vez, o Papa Bento XVI estava com as crianças e uma delas perguntou para ele, “*Como a gente sabe que Cristo está na Eucaristia, se eu não vejo?*” E aí o Papa falou, “*Bem, está vendo a luz, a luz elétrica? Você vê a luz elétrica chegando até a lâmpada? Pois é, a gente não vê a eletricidade, mas a gente vê as consequências da eletricidade.*” Então é justamente isso, a gente não vê Deus na Eucaristia, mas se a gente tiver sensibilidade, a gente vê as consequências de Jesus na Eucaristia na nossa vida. Então, as crianças têm uma maior capacidade de se abrir ao transcendente, de confiar sem reservas.

Além disso, ***as crianças se encantam com a conversão dos corações, elas se encantam que o mau se fez bom e que o bem venceu no fim.*** Elas desejam ser boas, elas querem que alguém seja bom. É por isso que, nos filmes infantis, tem o mau que se torna bom; isso as encanta. ***Realmente, as crianças esperam que os seus pais sejam pessoas boas, elas esperam deles essa bondade, essa coerência de vida, essa obstinação em procurar o bem.*** Então essa coisa que existe hoje, de tentar enfiar uma maldade no coração dos nossos filhos para que eles não fiquem vulneráveis, é um desejo de proteção para os nossos filhos. Mas mostrar pra eles toda a maldade do mundo não é a solução.

Eles não vão conseguir se proteger só porque você mostrou a maldade do mundo. Assim você pode os corromper mais rapidamente e fazer com que eles percam essa bondade que há nas crianças. A gente precisa é dar exemplos de bondade aos nossos filhos. Os livros e as vidas dos santos ajudam demais nisso. Esses dias, estavam perguntando sobre aquele livro *Diário de um banana*, e aí, quando você pega o livro, você vê que ali não há um apelo à bondade. Aquilo é quase que um retrato de todas as más inclinações que pode haver numa criança e num adolescente em relação à mentira, em relação à enganação, em relação à reclamação, em relação ao descuido. É isso que estão dando como exemplo para os nossos filhos. Sabe o que vai acontecer? Eles vão deixar o coração endurecido mais rapidamente, porque vão perder a esperança e o encantamento pela bondade mais rapidamente. Isso é muito sério.

As crianças têm confiança no pai. Então, elas naturalmente têm a inclinação de acreditar no que o seu pai e a sua mãe dizem. Elas confiam neles de graça. ***Elas os amam e querem agradá-los não apenas pelas coisas que recebem, mas simplesmente porque elas confiam naturalmente, e elas se sentem amadas naturalmente.*** A gente não é tão bom quanto eles esperam que a gente seja, é claro que a gente erra. Mas a gente precisa realmente se esforçar, a gente tira a confiança que os nossos filhos têm em nós como, por exemplo, quando um pai que



fala: “Filho, pula!”, e a criança pula e ele a deixa cair no chão. Isso é uma ferida na alma infantil, e ela vai transcender isso: “Se eu não posso confiar no meu pai da terra, provavelmente eu não posso confiar no meu Pai do Céu.” Então, a gente precisa tentar encontrar essa confiança não só no nosso pai da terra, mas no nosso Pai do Céu, **confiar que todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus**, que a gente não tem o completo controle de todas as coisas.

E desejar ter o controle de todas as coisas, da saúde, do dinheiro, dos próximos passos da vida, nos torna cada vez mais avarentos. Em vez de isso abrir a nossa capacidade de amar, isso faz com que a gente perca a nossa capacidade de amar, em vez de abrir a nossa capacidade de morrer pelos outros, a gente se abre à capacidade de matar os outros. A gente vai falar isso na aula sobre a má inclinação da avareza. Então a gente precisa confiar também no Pai, que há uma providência que cuida de todas as coisas. E se eu consigo ser dócil à ação do Espírito Santo, tudo vai concorrer para o bem, e eu posso pedir muitas coisas a esse Pai, como as crianças que têm a audácia de pedir ao Pai a lua. “O que você quer?” “Aquilo, a lua, que está no céu.” A gente até ri, não tem como, mas a criança tem essa audácia de querer pedir coisas que parecem impossíveis. **A gente precisa conseguir ter essa audácia de fazer, na nossa vida, coisas que parecem impossíveis**, mas que não são impossíveis, como por exemplo ter um bom casamento. Parece impossível, mas a gente precisa ter a audácia de pedir, a audácia de fazer. “Eu quero a lua!” A audácia de poder me abrir aos filhos, o que parece uma audácia, mas o meu chamado é isto.

É isso que eu dizia. **Eu deixo de viver o hoje porque eu estou pensando no amanhã, e isso me traz um desejo de ter segurança no mundo, o que é muito falso, porque essa vida pode nos ser tirada a qualquer momento.** E eu vou estar vivendo uma vida pensando no amanhã, que não sei nem se vai vir até mim.

E, por último, essa inocência da criança, no sentido em que a gente dizia. Não é que não há maldade, mas há uma inocência no sentido de não ser desconfiado das coisas. E elas de fato acreditam, e por isso, como eu dizia, muitas vezes são vulneráveis, porque acreditam nas pessoas. Isso é muito próprio infantil. Na aula de abuso sexual, falei de um experimento em que os pais falam: “Olha você não pode falar com estranhos”, e ensinam isso aos filhos. E, na hora que um estranho vem com um pirulito ao menininho, o entrevistador fala: “Mas você não pode aceitar coisas de estranhos.” Aí, o menininho deve ter uns sete anos, ele fala: “Mas você não é mais estranho.”

A criança se encanta, não tem como. A gente não consegue tirar isso dos nossos filhos numa tentativa de fazer isso. Você vai tirar a infância do seu filho. O que você precisa fazer é protegê-lo de outras formas. A gente precisa aprender a acreditar nas pessoas. Óbvio, quando a gente amadurece, a gente adquire novas habilidades, novas capacidades, novas formas de perceber o mundo. É necessário a gente fazer isso, mas a gente precisa preservar, em nós, uma inocência no sentido de confiança nas pessoas, e que, muitas vezes, é até importante a gente se deixar enganar de alguma maneira, porque assim a gente vai dar um voto de confiança para o outro. Claro, com uma certa prudência. Mas é isso que eu dizia. **É necessária uma luta interior para a gente conseguir viver todas essas realidades, fazendo com que a gente encontre em nós um coração puro como o de uma criança, que é essa pureza, essa mansidão, essa capacidade de perceber o mundo que vai fazer com que a gente encontre o Reino dos Céus.**

*A gente se vê na próxima aula!*